



Anibal Pinto (E) e Oswaldo Sunkel aguardam ansiosos o ex-aluno

## Ex-mestres dão conselhos

SANTIAGO — O presidente Fernando Henrique Cardoso, em entrevista ao jornal *El Mercurio*, foi explícito ao afirmar que o modelo chileno de economia aberta à iniciativa privada e ao capital estrangeiro deve servir de exemplo para o Brasil. No entanto, dois de seus mestres chilenos, Anibal Pinto e Oswaldo Sunkel — papas da teoria de substituição de importações e fortalecimento da produção interna —, contestam em parte a tese e acreditam que o próprio Fernando Henrique não pretenda seguir à risca o modelo implantado por Pinochet a partir de 1975.

“Os resultados finais foram positivos, mas o processo foi doloroso e rendeu algumas lições”, diz Sunkel que continua na Cepal (Comissão Econômica para a América Latina, das Nações Unidas). “O Chile pode servir como referência, mas as características dos dois países devem ser levadas em consideração. Não deve ser cópia, mas sim um experimento de criação”, afirma Anibal Pinto, diretor da revista da Cepal e que, com Sunkel, organizou a representação da comissão no Rio até pouco antes do golpe de 64.

Ambos são críticos da ausência do Estado na economia e continuam acreditando que a doutrina do desenvolvimento garantiu a construção das economias sul-americanas. “O evangelho se mantém, apenas foram incorporadas inovações”, defende Pinto, para quem houve uma evolução da doutrina, justamente com base na

experiência que muito de seus teóricos vieram a ter como governantes. “O mundo mudou, nós mudamos junto, mas continuamos acreditando que o principal é garantir o desenvolvimento com o objetivo primeiro de incluir mais e mais cidadãos na massa de beneficiários desse processo”, reforça Sunkel. Para os dois, o Estado deve emagrecer, mas, ao mesmo tempo, tornar-se mais forte em outros setores como fiscalização e controle. “Deve haver menos gordura e mais músculos”, exemplifica Sunkel.

**Reencontro** — Tanto Sunkel como Pinto, que aguardam ansiosos o reencontro com o ex-aluno, fazem questão de dizer que não se atreveriam hoje a fazer análises mais profundas de um Brasil muito diferente daquele que conheceram. Com Celso Furtado, amigo e fundador da Sude-ne, eles estiveram no Nordeste. O Piauí, para Sunkel, foi o lugar onde viu a miséria mais aguda: “Apenas na Índia e na África há situações semelhantes”.

Hoje têm notícia de que nos últimos 30 anos houve progressos na região, embora ainda haja muito a ser feito. “Por isso, é importante a ênfase que Fernando Henrique dará ao social”, diz Pinto. Aos 70 anos, ele lembra com saudades da época no Rio, onde se reunia com amigos para ouvir a cantora Helena de Lima cantar a música *Insensatez* de Tom Jobim. “É inesquecível”, completa Sunkel. (D.K.)